

Deana Barroqueiro



# Contos Eróticos do Antigo Testamento



Deana Barroqueiro

# CONTOS ERÓTICOS DO ANTIGO TESTAMENTO

EDITORA AQUARIANA © Deana Barroqueiro, 2006

Produção: Equipe Ground Capa: Niky Venâncio Ilustração da capa: "Betsabá'

Rembrandt, 1654

CIP—BRASIL—CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B272c

Barroqueiro, Deana, 1945-Contos Eróticos do Antigo Testamento / Deana Barroqueiro. -

São Paulo : Aquariana, 2006

Inclui bibliografia ISBN: 85-7217-101-0

1. Bíblia. A. T.—Seleções. 2. Erotismo—Aspectos religiosos -  
Cristianismo. 3. Erotismo na Bíblia. 4. Literatura religiosa. I.

Título.

06-2092. CDD 220.66

CDU 22

12.06.06 14.06.06 014897

Direitos reservados: Editora Aquariana Ltda.

Rua Lacedemônia, 68—Vila Alexandria 04634-020 São Paulo—SP

Tel.: (011)5031-1500/Fax: (011)5031-3462

e-mail: editora@aquariana.com.br

site: www.aquariana.com.br

*Aos amigos do Brasil, Angela de Souza, Eugênio da Conceição e Carolina*

## *A quem ler este livro*

Os Contos Eróticos do Antigo Testamento nasceram quase por acaso, quando pesquisava material para um romance que tinha em mãos e fui consultar na Bíblia, as crônicas antigas, de tradição oral, com base nos mitos e lendas da Mesopotâmia, como o Dilúvio provocado pela subida das águas dos rios Tigre e Eufrates e a destruição de Ur.

Fiquei prisioneira daqueles textos pelos fios da memória que retomaram os percursos quase esquecidos da minha infância e adolescência de sólida formação católica, embalada pelos contos maravilhosos da Sagrada Escritura, cegamente aceites por mim até à idade dos treze anos, a que se seguiram tempos de duvidar e de descrer.

Li os livros do Antigo Testamento de fio a pavio, li-os porventura com outros olhos, já não com a inocência maravilhada da juventude, mas com o distanciamento de mais de meio século de existência. Li-os com a curiosidade do estudioso (os históricos e os dos provérbios, mais objetivos ou terra-a-terra), com o prazer do poeta (os dos cânticos e salmos), com o amor zombeteiro do céptico (os fantasiosos e absurdos, de pura lenda), com a repugnância de um humanista face ao atropelo dos valores éticos e morais (os episódios crudelíssimos das mortes sem sentido ou do uso e abuso degradantes da mulher).

Porém, sobrepondo-se a todos estes aspectos, espantou-me e encantou-me muito mais a componente erótica fortíssima que outrora me passara despercebida e agora transparecia de modo gritante e persistente em tantas dessas pequenas crônicas, tornando-as deliciosamente impudicas, terrivelmente escandalosas e, por vezes mesmo, inacreditavelmente depravadas, mas a pulsar de vida.

Senti, então, uma vontade imensa de reescrever algumas dessas histórias, sob um outro ângulo, o de um cronista daquele tempo, um pouco céptico, sem crenças em Baal, Marduk ou Jahweh, interessado em recriar os espaços geográficos, ambientais, sociais e étnicos, segundo os testemunhos que chegaram até nós das placas de argila em escrita cuneiforme de Ur e de Ninive ou hieroglífica do Egito, desdivinizando as lendas e procurando uma explicação mais real e prosaica para os acontecimentos, de acordo com essa sociedade de pastores nômades que formaram as tribos de Judá e Israel. Homens e mulheres, forçosamente pouco cultos e muito supersticiosos, lutando ferozmente pelo seu lugar num mundo bárbaro de guerras e fomes, recorrendo a todos os meios que lhes sugeriam a esperteza e o engenho, para assegurarem a própria sobrevivência, mesmo se isso implicasse a destruição do seu próximo.

Além da pesquisa feita em livros de História da Antiguidade e nos relatos das escavações arqueológicas, entre outras fontes, segui em muitos casos as notas, explicações e comentários minuciosos dos missionários Capuchinhos, estudiosos incansáveis para uma interpretação circunstanciada dos livros sagrados, que frequentemente apresentam uma explicação científica para os fenômenos milagrosos ou apontam as ligações e analogias entre os textos da Bíblia, escritos muitos séculos depois de circularem na tradição oral, e as fontes históricas onde foi beber essa tradição, como o Código de Hammurabi ou as placas de argila da biblioteca de Assurbanípal.

Por fim, seduziu-me a ideia de lançar um desafio a mim mesma, às minhas latentes capacidades de escritora, e tentar utilizar como elo de ligação entre os contos a componente erótica dessas histórias, sem cair na tentação da linguagem vulgar ou obscena, mas fazendo-o de uma forma sutil, sensual e poética, se bem que, por vezes, assaz violenta devido à própria matéria das narrativas do Antigo Testamento.

Pretendi que este meu livro fosse, em parte, uma crônica histórica da Antiguidade, ficionada, cujo fio condutor seria a aventura dos sentidos, através do olhar magoado das mulheres e da sua luta pela existência, num mundo em que as descendentes de Eva eram consideradas pelos homens como mercadoria e inferiores aos animais, conceito que perdurará ainda hoje, perpetuado por determinadas interpretações fundamentalistas dos livros ditos sagrados, em nome de uma verdade religiosa que nenhum Deus, bom e justo, poderia alguma vez sancionar ou sequer tolerar.



# NO INÍCIO...

Deus sentira-se de tal modo defraudado por a Sua criação mais auspiciosa—o Homem feito à Sua imagem e a Mulher feita segundo a imagem aperfeiçoada do Homem, para dominarem sobre todos os outros seres do Mundo—ter resultado tão defeituosa e rebelde que, depois de os fazer expulsar do jardim do Éden, apesar da insistência dos anjos, se mostrara inabalável na recusa de uma nova tentativa para criar a Humanidade.

A pesar da Sua omnisciência (talvez devido ao cansaço de ter feito aquele imenso Mundo em apenas seis dias), no instante da criação do Homem sentira-se muito orgulhoso e satisfeito com a Sua obra e não lhe achara qualquer defeito ou mácula.

Assim, na euforia que se seguiu, não vendo entre todos os animais desse Mundo uma companheira adequada para oferecer à Sua criatura, caíra na tentação de dar vida a um novo ser, feito à imagem do anterior, mas aperfeiçoando o modelo com a introdução de pequenas mas significativas diferenças.

Como desejava um material mais raro do que o pó utilizado na primeira tentativa, adormeceu profundamente o Homem, nas margens do rio Tigre que limitava a Oriente o jardim do Éden, e tirou-lhe uma das costelas que substituiu por carne, esculpindo a partir do osso uma nova criatura em forma de Mulher.

Ao contemplar a Sua obra, Deus achou-a tão bela que, em vez de lhe soprar a vida pelas narinas como fizera ao Homem, lha insuflou através dos lábios beijando-a e, com surpresa, sentiu pela primeira vez o Seu espírito vibrar de emoção nesse fugaz contato com a matéria.

Deus conduziu a Mulher para junto do Homem que despertara e observou cheio de curiosidade a sua reação. Para Seu espanto, o Homem, ao ver diante de si aquele novo ser em toda a sua esplêndida nudez, não se ergueu do lugar, nem agradeceu a dádiva ao Criador, limitando-se a exclamar:—Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!

Ouvindo estas frases, Deus admitiu pela primeira vez que talvez a sua melhor criação não fosse afinal tão perfeita no espírito como era na carne e pensou se não seria um risco pôr a árvore da ciência do bem e do mal ao seu alcance. Porém como já era tarde, retirou-se para descansar ao sétimo dia e não voltou a pensar no assunto.

E, um dia, as Suas criaturas eleitas atraíçaram-no e quando Deus os confrontou com o crime da rebeldia e da desobediência, o Homem culpou a Mulher e a Mulher culpou a Serpente pela tentação de provar o fruto proibido. E Deus, ferido no Seu orgulho e no Seu amor, vestiu-os com túnicas de peles e expulsou-os para sempre do Jardim das Delícias, antes que descobrissem o fruto da árvore da vida e vivessem eternamente. Apesar do seu arrependimento e das suas súplicas, Deus lançou-lhes terríveis maldições:—Tu, Mulher, por teres desejado ser mais inteligente do que o Homem e igual ao teu Deus, procurarás com paixão o teu marido, a quem serás sujeita. Aumentarei os sofrimentos da tua prenhez e parirás teus filhos com dor, suor e lágrimas. Chamar-te-ás Eva pois serás a mãe de todos os viventes.

A Mulher chorou o Paraíso Perdido e a sua nova condição na terra.

Em seguida, Deus amaldiçoou o Homem:—Tu, Homem, que provaste o fruto proibido da inteligência procurarás o alimento, à custa de penoso trabalho, em todos os dias da tua vida e comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado: porque tu és pó e em pó te hás-de tornar! E todo o Homem nascido da tua semente há de ser tentado e enganado pela Mulher, por toda a Eternidade, como tu foste pela tua.

E Deus enviou querubins armados de espadas flamejantes expulsá-los do Paraíso, pela porta do Oriente para as terras desérticas da futura Babilônia, entre os rios Tigre e Eufrates que Adão, o primeiro homem deveria tornar férteis pelo esforço do seu labor e castigo.

Quando Deus acalmou a Sua ira e pôde pensar com serenidade nas duas criaturas caídas em desgraça, viu que dispunha apenas do casal primordial, Adão e Eva, para povoar o mundo e, como não queria voltar com a palavra atrás, criando novos seres, foi forçado a prolongar as suas vidas miseráveis assim como a dos seus descendentes, tornando-as férteis durante séculos para que a Humanidade pudesse crescer e multiplicar-se

com algum sucesso.

Mesmo assim o processo era tão lento que os Filhos de Deus, contrariando os desígnios do Pai, decidiram sair da esfera celeste e contribuir para o acréscimo da Humanidade, escolhendo entre as mais belas filhas dos Homens as que bem quiseram para mulheres e da sua união nasceram os gigantes e os famosos heróis dos tempos remotos, paridos em grande dor pelas filhas dos Homens, pois a maldição divina jamais fora levantada.

Deus, tomando conhecimento da desobediência das forças celestes e da desordem cósmica que isso implicava, arrependeu-se mais uma vez de ter criado o Homem e a Mulher e, sofrendo amargamente, castigou de novo as Suas criaturas:—Não quero que o meu espírito permaneça indefinidamente no homem, pois o homem é carne, por isso, os seus dias não ultrapassarão os cento e vinte anos.

E Deus enviou o Dilúvio e destruiu as terras da Mesopotâmia e todos os seres vivos, permitindo que apenas Noé com a sua família—a nona geração de Adão—e um casal de todos os animais em vias de extinção se salvassem numa arca, abrindo assim o caminho para uma nova Humanidade, num processo quase idêntico ao anterior.

Deus contava com a efemeridade da vida a que havia condenado os homens e com a sua lentidão em crescer e se multiplicar, para tão cedo não ser importunado pelos seus erros e desacatos, nem ter de os vigiar, punir ou premiar pelos seus atos. E então Deus deixou os homens entregues a si próprios e esqueceu-se deles.

Porém, contrariando os desígnios divinos, as forças celestes interessaram-se de novo pela Humanidade e, para acelerar o seu crescimento, concederam aos descendentes de Noé, tal como haviam feito aos de Adão, uma esperança de vida de mais de novecentos anos nos homens e uma juventude e fertilidade quase eternas nas mulheres, segundo consta nos registros do livro das gerações nascidas de Adão, de todos os Patriarcas de antes e depois do Dilúvio, no Livro do Gênesis, que não enunciaremos aqui, por ser demasiado extenso e não servi os propósitos deste nosso conto.

# OS CUIDADOS DE ABRAÃO

No início do II Milênio antes de Cristo, mais precisamente por volta do ano de 1700, na Caldeia, terra da baixa Mesopotâmia, dominava a dinastia dos Amorreus.

Nesses tempos remotos, na cidade de Ur, vivia Tare, descendente em linha direta de Sem, filho de Noé. Tare cruzara o limiar dos setenta anos quando gerou a Abraão, o seu primogênito, seguindo-se-lhe Nahor e Harrar que morreu muito novo, deixando o filho Lot, ainda criança, a cargo do avô.

As tarefas obrigatórias da construção e manutenção da imensa rede de canais que irrigavam as terras da Mesopotâmia com as águas dos rios gêmeos Tigre e Eufrates e os impostos pesadíssimos que tanto o rei como os sacerdotes do Templo de Ur lançavam sobre o gado tornavam a vida impossível aos pastores e agricultores, obrigando-os a endividar-se a tal ponto que, não podendo pagar aos credores—quase sempre os próprios sacerdotes que cobravam juros de vinte a trinta por cento—,acabavam por ser vendidos como escravos juntamente com toda a sua família.

Tare viu-se forçado a emigrar para Harran, a principal cidade da alta Mesopotâmia, levando consigo o neto, o filho Abraão e a mulher deste, a formosíssima Sarai. Aí se fixaram e viveram durante muito tempo com alguma prosperidade, apesar de estarem sob o domínio dos Urritas, um povo indo-europeu que a pouco e pouco se viera fixar na Mesopotâmia Superior, perseguindo os naturais da terra e provocando um grande movimento de fuga e migração para Ocidente.

No entanto, aos setenta e cinco anos de idade, Abraão vivia muito descontente em casa do pai, ansiando pela independência e pelo dia em que se tornaria senhor da sua vida e da própria família. Esse sonho, porém, parecia-lhe impossível de realizar, visto Tare ainda não ter passado dos cento e quarenta e cinco anos, sendo portanto um homem na força da vida e nada disposto a largar as rédeas do poder nem a permitir a ida do filho para longes terras.

Abraão não podia deixar de sentir uma certa inveja do irmão Nahor a quem o pai obrigara a ficar em Ur, e fim de não perder a casa e cuidar da parte dos bens deixados à sua guarda, pois a sorte poderia não lhes sorrir em Harran e, nesse caso, teriam de regressar ao lar antigo. Assim, Nahor ganhara a sua liberdade e Abraão trocava sem hesitar o seu lugar com o dele, apesar das dificuldades que teria de defrontar para sobreviver em Ur.

Sendo, todavia, um filho respeitador, não queria ferir os sentimentos do progenitor, mostrando-se ingrato e desobediente ao insistir no desejo de partir contra a vontade de Tare. De noite, o seu sono era intranquilo, povoado de pesadelos que o faziam despertar em sobressalto, alagado em suor e sem ânimo de viver.

Se ao menos Sarai emprenhasse, talvez o pai os deixasse em paz e não o perseguisse com rogos que mais pareciam ordens para tomar uma segunda esposa:—Sarai é estéril!—insistia Tare, todos os dias.—Esse é muitas vezes o mal das mulheres demasiado belas. A admiração dos homens leva-as a não querer emprenhar, para não deformarem os corpos. Como ela não te dá filhos, a lei permite-te tomar uma nova esposa ou uma escrava concubina. Já é tempo de me dares netos e assegurares a tua geração. Nunca te devia ter dado Sarai por mulher, mas julguei que seria como a sua mãe, fértil e submissa.

Abraão não respondia, desgostoso do modo cruel como Tare se referia a Sarai que também era sua filha, gerada numa escrava de grande beleza e, todas as noites possuía a mulher, rogando aos deuses da fecundidade para a abençoarem com uma desejada prenhez. Porém, apesar de amar a esposa e de continuar a admirar sua beleza, parecia que o desejo por ela o havia abandonado e raramente lograva levar o ato até ao fim.

Quando os seus corpos se uniam e Sarai sufocava um gemido de prazer, a voz do pai ressoava-lhe aos ouvidos e era como se um fantasma se viesse instalar entre eles no leito, o seu corpo amolecia subitamente e Abraão retirava-se da mulher, voltando-lhe as costas, envergonhado. Sarai suspirava de tristeza, mas nada dizia.

Uma noite Abraão confiou-lhe a sua pena e desilusão:—Sonhei de novo com a nossa partida. Por vezes é tão real, parece mesmo que já fui embora! Rezo aos deuses para não me darem esses sonhos, porém mal adormeço

ouço uma voz imperiosa a mandar-me seguir viagem. Mas nosso pai jamais me deixará partir.

Desesperado, Abraão escondeu o rosto entre as mãos e chorou. Sarai, compadecida mas implacável, disse-lhe:—Também eu não sou feliz na casa de Tare, sujeita a servi-lo e a obedecer aos seus caprichos. De tanto dizer que sou estéril, parece ter-me lançado uma maldição! Só sei que, enquanto aqui viver, não serei capaz de conceber um filho da tua semente.

— Mas eu não posso desobedecer ao nosso pai! Isso, nunca!

— E se for ele a querer que partas?—perguntou Sarai quase num murmúrio.

— Mas como?—Abraão erguera o rosto ainda molhado de lágrimas e olhava a mulher com surpresa.

— Essas vozes que ouves nos sonhos são as dos Elohim (1) a indicar-te o rumo da tua vida e não debes fugir ao destino, nem desobedecer a uma ordem divina. Tens de consultar os videntes da Casa do Segredo, diante do nosso pai, para ele ouvir os oráculos que, certamente, te hão-de aconselhar a seguir o caminho indicado pelas vozes.

Abraão sorriu, com uma leve esperança:—Os deuses falaram pela tua boca, Sarai, para me dares tão sábio conselho! Tare não se recusará a acompanhar-me ao Zigurate!—O seu rosto ensombrou-se de novo e perguntou ansioso:—E se os oráculos não nos forem propícios?

— Levaremos o carneiro mais gordo do nosso rebanho para os videntes o sacrificarem no altar de Marduk e lerem nas suas entranhas o teu destino; e eu mesma irei ao Templo entregar outras ricas ofertas aos sacerdotes para eles realizarem bem os ritos e fazerem uma boa interpretação dos oráculos.

Por momentos, aflorou ao espírito de Abraão a suspeita de que Sarai se preparava para subornar os sacerdotes e os videntes do Zigurate de Harran (como ele sabia que podia ser feito), de forma a obter o melhor resultado para a sua empresa e a ideia de enganar Tare quase o fez desistir do seu propósito. Porém, o rosto de Sarai tão próximo do seu, iluminado pela luz oscilante da candeia suspensa por cima da enxerga, tinha uma beleza diferente, como nunca antes lhe vira, com um brilho estranho nos olhos tão negros e profundos que Abraão se sentiu atraído para eles como para um abismo e esqueceu todos os escrúpulos e remorsos.

Sarai reclinara-se sobre ele, para lhe expor o seu plano e Abraão sentia contra o corpo o contato quente dos seios, redondos e duros como os frutos do Jardim das Delícias e recebia no rosto o sopro da sua fala envolto no hálito perfumado e fresco das folhas de menta que se acostumara a mordiscar.

Sentiu o desejo invadi-lo como uma onda, o coração bater acelerado e o sangue pulsar nas veias, quente como fogo, trazendo finalmente a vida e a seiva a um corpo há muito adormecido. Tomou Sarai com a força dos primeiros tempos, quando recebera no leito a virgem quase criança que o pai lhe entregara e o deslumbrara com sua "beleza.

Para seu espanto, ao penetrar o corpo da mulher sentiu a mesma resistência, como se o véu da virgindade se tivesse de novo cerrado e quando Sarai o recebeu dentro de si, gemendo e suspirando com a mesma intensidade da noite dos esponsais, Abraão deixou seu corpo abrir-se como um dique ao impulso das sensações e escondeu o rosto nos seios da mulher sufocando um grito de agonia.

### *1 Deuses.*

O zigurate erguia-se no meio da cidade, sobre uma enorme plataforma, com uma elevação de cerca de quatro metros, formando um átrio ou praça, com vários templos secundários e outros edifícios. Atravessando o átrio, chegava-se a uma nova plataforma, ainda mais elevada, sustentando a torre sagrada, com mais de cem metros de altura e dividida em três andares. Os dois primeiros, de forma quadrada, rasgavam-se em terraços abertos, plantados de árvores e flores que lhes davam o aspecto de jardins suspensos, de belíssimo efeito. Três lances de escadas de oitenta degraus convergiam do térreo para a porta monumental do primeiro andar e continuavam até ao último, onde se erguia o pequeno templo e por elas desfilavam as procissões de sacerdotes e sacerdotisas, nos seus trajes coloridos de festa, carregados de ofertas que iam depositar no altar do deus tutelar.

Na Casa do Segredo, as ervas de cheiro ardiam nos incensários e, diante da família de Tare e de outros fiéis, os sacerdotes davam início às cerimônias do sacrifício do carneiro, entregue por Sarai no dia anterior, para lerem nas suas entranhas os augúrios do deus. O animal, de cornos untados com óleos sagrados, jazia amarrado sobre a ara, balindo de medo. Ao som das harpas, dos tamboris e das flautas dos músicos do Zigurate, os três sacerdotes depuseram no altar as oblações trazidas por Sarai e fizeram as libações aos deuses.

Em seguida, ajoelharam-se diante do altar e, virando as cabeças para trás de si, lançaram um encantamento contra os demônios e espíritos maléficos, para não prejudicarem a cerimônia com sua presença funesta. Liam em tabuinhas de argila o texto gravado na graciosa escrita cuneiforme do Templo, como uma cantilena alternada, terminando num coro a três vozes:

— *Esconjuração: Demônios assassinos, bruxos enganadores que sujais o céu, a terra e as águas, que vos ergueis como o vento para matar os homens no deserto e secar o ventre das mulheres, Marduk, Senhor do Céu e da Terra, vos há de perseguir com castigos terríveis para vos fazer sofrer como vós nos fazeis sofrer!*

*Glória a Marduk, protetor dos homens!*

Os músicos silenciaram os instrumentos e os sacerdotes acercaram-se da ara do sacrifício. Lugal-apindu, o adivinho, tomou a cabeça do animal pelos cornos, puxando-a para trás e expondo-lhe o pescoço revestido de sedoso pelo branco, Ginil-Marduk, o encantador, segurou o vaso para recolher o sangue e Adda-Kalla, o purificador, cortou-lhe a garganta com a faca ritual.

Enquanto o sangue corria, os sacerdotes prostraram-se diante da imagem do deus e iniciaram um salmo laudatório do suplicante, de modo a justificar o favor e as benesses que Marduk lhe iria conceder:

— *Nunca Abraão ofendeu os deuses, ou foi acusado de mentir. Jamais desprezou pai e mãe ou semeou a discórdia entre pai e filho, entre o irmão e seu irmão.*

*Marduk, concede-lhe o teu favor!*

*Nunca Abraão vendeu animais doentes ou roubou no peso da sua carne, nem disse não em vez de sim, nem sim em vez de não.*

*Marduk, concede-lhe o teu favor!*

*Nunca Abraão entrou de má fé na casa do "seu vizinho, não roubou nem fez correr o sangue do seu vizinho, jamais desejou a mulher do seu vizinho. Marduk, concede-lhe o teu favor! Abraão é um homem justo e piedoso Merecedor da proteção divina. Marduk, indica-lhe o caminho!*

A litania terminou antes do corpo do carneiro parar de tremer, no estertor da morte e a faca de Adda-Kalla rasgou-lhe o ventre, expondo as entranhas fumegantes ao olhar sabedor do vidente Lugal-apindu que as examinou em busca de indícios e falou sem olhar para Abraão:—Os augúrios são-te favoráveis. As volutas dos intestinos formam uma corda com poucos nós, indicando uma longa estrada que vais percorrer sem grandes obstáculos.

Enfiou as mãos por entre as vísceras, fez os intestinos desenrolarem-se para dentro de uma bacia e prosseguiu a sua leitura dos sinais ocultos: -A tua vida será extraordinariamente longa e continuará por gerações sem conta, mas o teu destino não se cumprirá em Harran.

Tare soltou uma exclamação e Abraão dominou-se a muito custo para não fazer o mesmo. Olhou o rosto de Sarai, mas a mulher manteve-se impassível, embora atenta à cerimônia.

Lugal-apindu remexeu nas entranhas do carneiro, extraiu o fígado, abriu-o, examinou-o atentamente e, quando falou, havia surpresa na sua voz:—O fígado deste animal sacrificado em holocausto representa o mundo onde vives, mas a teia das suas linhas é emaranhada como um labirinto e o saco do fel está fora do lugar! Grande poder comanda um oráculo assim tão estranho, capaz de obscurecer a minha visão.

Ginil-Marduk trouxe-lhe o modelo em barro de um fígado marcado com linhas divisórias e anotações para guiar a interpretação dos sinais obscuros. O adivinho comparou cuidadosamente os dois e concluiu:—Poss

dizer-te, no entanto, que estes augúrios confirmam a tua errância pelo mundo, mas não andarás só, serás seguido por muitos e terás riquezas e poder. E tudo quanto vejo.

O silêncio pesou entre os assistentes, depois de ouvido este oráculo auspicioso, mas ao mesmo tempo misterioso e assustador e Abraão leu no rosto de Sarai a surpresa maravilhada de quem vem em busca de uma dádiva e recebe mais do que o seu quinhão.

Lugal-apindu falou novamente:—Os deuses criaram os sonhos para indicar o caminho aos homens quando eles não podem ver o futuro. Conta-nos o teu sonho para que o interpretemos.

Durante a semana anterior à consulta aos videntes, Abraão pensara demoradamente no sonho e ensaiara o seu discurso com a ajuda de Sarai, escolhendo bem as palavras para o poder descrever no templo com todos os pormenores, a fim de que nada daquilo que pudesse ter significado fosse esquecido. Assim, cerrou os olhos e falou com voz segura:—Vejo-me com o meu rebanho num campo a perder de vista, mas não conheço o lugar. Há um arco-íris no céu, cujo extremo toca numa montanha a Ocidente e uma águia atravessa-o num voo majestoso. Uma criança vem ter comigo e aponta com um cajado a montanha ao longe. Ouço uma voz que me diz: *Eu sou El-Chadai, o Todo Poderoso, e falo-te para que Me conheças. Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei nascer de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas.* Depois, o menino entrega-me o cajado e eu desperto do meu sonho.

— E o sonho repete-se?—interrompeu o sacerdote.

— Muitas vezes, mais nos últimos tempos:—E é sempre o mesmo?

— Com pequenas diferenças.

O vidente meditou longamente e disse:—Também no teu sonho o oráculo fala claro pela voz do deus que se denomina a si mesmo El-Chadai, o Altíssimo. O arco-íris é a ponte entre o céu e a terra, assim tu és o mediado entre El-Chadai e a tua tribo. Vais fazer uma grande viagem, não só pelo mundo mas também dentro de ti mesmo, porque a montanha é símbolo de purificação e aperfeiçoamento. O rebanho representa os teus seguidores ou todos os nascidos da tua semente, pois o cajado que o menino te entrega e aponta para Ocidente confere-te a autoridade e a dignidade de um chefe, confirmadas pela águia que indicia riqueza e poder.—Curvando-se diante do suplicante, o sacerdote acrescentou com humildade:—Abraão, foste abençoado pelos deuses. Vai e cumpre o teu destino!

— Não sejas negligente nos cuidados com a tua casa—recomendou Tare a Sarai, na despedida.—Rogarei aos deuses que te ajudem para em breve me dares um neto. Envia-me notícias por viajantes ou comerciantes que venham para Harran.

Sarai prometeu fazê-lo. Então Tare dirigiu-se ao filho:—A tua vida vai ser a de um pastor nômade, errando pelo mundo. Não pretendo pôr em dúvida a sabedoria dos videntes, mas nunca ninguém ouviu falar do deus El-Chadai que quer ser adorado como único e verdadeiro! Esperemos que essa ideia blasfema não faça cair sobre a tua cabeça a ira e o castigo de todos os outros deuses.

Abraão não respondeu, a fim de evitar nova disputa no momento da despedida e o pai prosseguiu com as suas queixas:—Preferia que Lot ficasse a viver comigo, mas não quero desobedecer aos oráculos do Zigurate e ser amaldiçoado. Se o menino do sonho é Lot, como tu dizes, e quer ir contigo, não serei eu a impedi-lo. I de com a minha bênção!

Abraão abandonou finalmente a casa paterna, levando consigo Sarai, o sobrinho Lot, alguns parentes e amigos, assim como todos os bens que possuía e os escravos por ele adquiridos em Harran.

A caravana era numerosa e deslocava-se lentamente para Ocidente, deixando a cidade para trás e seguindo pelos caminhos familiares das antigas pastagens, adiando o medo do desconhecido e de um futuro incerto. Ao anoitecer, depois de armarem as tendas do acampamento, comeram junto das fogueiras, beberam o sumo das suas uvas, mas ninguém cantou, pois todos traziam um peso no coração pela mágoa e a saudade daquilo que deixavam (e tão cedo não voltariam a ver) em troca de uma vaga promessa de um futuro melhor.

Sobre as peles de carneiro que lhes serviam de leito, no espaço exíguo da tenda, Sarai exibia a sua esplêndida nudez aos olhos do marido, abrindo o corpo como um fruto suculento ao toque dos seus dedos. E

Abraão sentia na curva dos seios, na concavidade macia do ventre, o arrepio da pele de Sarai sob a sua mão, respondendo com um desejo igual ao seu desejo, crescendo dentro dele como o pulsar desordenado de um coração. Beijou-lhe a pele dourada, prendendo entre os lábios os mamilos rosados, até os sentir endurecer e inchar sob a língua e vibrar de anseio como o seu próprio ventre. Quando finalmente se fundiu no corpo da mulher, vergando-a com o seu peso e a sua fúria, Sarai gritou, gemeu e suspirou, libertando sem pejo os sons de prazer que há longos anos sufocava na garganta.

Durante muito tempo Abraão guiou a tribo através de terras inóspitas, por vezes desérticas, montando e desmontando as tendas do acampamento, atardando-se um pouco mais nos melhores terrenos para apascentar o gado, sem que El-Chadai lhe mostrasse por qualquer sinal a terra prometida. As promessas do deus tardavam em cumprir-se, as murmurações de descontentamento dos familiares, amigos e servos aumentavam de tom e chegavam-lhe aos ouvidos. Sarai, que andava sempre de mau humor e cansada, continuava estéril e, por fim, também ele começou a deixar-se invadir pelo desânimo e a pensar se o sonho profético não teria sido obra de qualquer demônio malévolos para o fazer cair num terrível logro.

Por isso, quando avistou as férteis terras de Canaã (2) quase duvidou do que os seus olhos viam e cobiçou-as como jamais havia desejado uma coisa na sua vida. Animou a tribo a seguir até ao lugar dos carvalhos de More, perto da cidade de Siquém, na amena planície situada entre os montes de Ebal e Garizim. Vendo a beleza do lugar, Abraão sentiu mais do que ouviu a voz do seu Deus dizer-lhe: "*Darei esta terra à tua descendência*" e vendo como a sua gente estava exausta, a ponto de se revoltar, recusando-se a ir mais longe, disselhes:—Rejubilai! Esta é a terra prometida por El-Chadai. Ergamos aqui um altar ao Todo Poderoso, pois Ele nos concedeu esta terra.

## *2 Palestina.*

Todos rejubilaram e um altar foi erguido em honra do Deus único de Abraão.

Nessa noite, no acampamento, depois de montarem as tendas, sacrificaram oito borregos a El-Chadai cantaram e dançaram como há muito tempo não faziam, aspergindo-se com o sangue do holocausto e o vinho, reanimando o prazer dos sentidos nos cultos ancestrais.

Os músicos tocaram canções de amor ardente que punham asas nos pés e as cabeças tontas a todas as mulheres e moças, livres ou escravas, que soltavam os cabelos e deixavam ver por entre as vestes abertas e desalinhas os seios e as coxas, brilhantes de suor, a vibrarem ao ritmo da música endiabrada. Celebravam na dança selvagem e no sangue dos sacrifícios com que se aspergiam, desenhando nos corpos misteriosos símbolos, não El-Chadai, o Deus desconhecido, mas Ishtar, a deusa da fecundidade e do amor. Aquecidos pelo vinho, os homens perseguiam-nas como sátiros, aspirando no ar esse cheiro forte de sangue, suor e perfumes que os excitava, procurando-as nas tendas ou nos recantos escuros do arraial, tombando-as no solo e penetrando-as com uma violência animal ausente de ternura, usando os seus corpos como um vaso para alívio de tensões insuportáveis.

Abraão queria pôr cobro aos desmandos de sua gente, mas não sabia como. No fundo, não eram culpados de um crime. A fornicção, os excessos e a brutalidade faziam parte do culto de Ishtar que todos conheciam e ninguém sabia como adorar El-Chadai, o Deus único da terra prometida.

Nos dias seguintes puderam ver como a região era habitada pelos Cananeus, um povo poderoso que vivia em grandes cidades fortificadas como Siquém, Bethel, Hai ou Hebron, por isso a tribo de Abraão foi forçada a deixar os bosques de More e a prosseguir viagem, parando aqui e além para descansar e erguer outros altares a El-Chadai, a fim de o dar a conhecer às gentes daqueles lugares, até chegarem a Negeb, uma terra desabitada na planície do Jordão, onde puderam finalmente armar as tendas e começar a viver em paz a sua vida de pastores.

Porém, em vez das riquezas prometidas, houve fome naquela região e, como a miséria era grande, Abraão decidiu conduzir o seu povo até ao Egito para aí viverem durante algum tempo. Talvez na terra dos Faraós,

onde reinava a abundância, o luxo e o bem-estar, sua mulher fosse capaz de emprenhar.

À medida que atravessavam a península do Sinai e se aproximavam do Egito, Abraão reparou como a beleza de Sarai atraía a admiração de todos os homens que cruzavam com a caravana e paravam à beira dos caminhos para lhe dar passagem, quando a viam avançar, com a graciosidade e o porte de uma rainha, montada num onagro (3) de pêlo de azeviche.

*3 Burro selvagem, usado para transporte na Mesopotâmia.*

O vento e o trote da alimária faziam esvoaçar os leves panos do seu modesto traje de pastora que se colavam ao corpo moldando-lhe as formas magníficas e acirrando o desejo daqueles homens sensuais, amantes do prazer e do amor:—Formosíssima! Seria capaz de a raptar...

— E eu de matar, para a possuir!

— Uma rainha vestida de pastora!

— Tão bela como Isis!

— Digna do leito de um Faraó!

Abraão começou a recear pela sua vida e o coração encheu-se-lhe de temor, pois não podia encerrar a mulher numa tenda nem escondê-la eternamente dos olhos dos homens e não sabia que outra coisa poderia fazer. Todavia, quando já estavam às portas do Egito, ocorreu-lhe subitamente a solução do problema e, cheio de gratidão, orou em silêncio a El-Chadai a quem atribuiu a iluminação do seu espírito. Então disse à esposa:—Ouve-me com atenção, Sarai: Tu és uma mulher muito bela e, quando te virem, os egípcios dirão: "É a mulher dele!" E matar-me-ão por tua causa e a ti conservarão a vida para te usarem para seu próprio prazer.

— Como podes dizer isso?—protestou a mulher indignada.—Eu não fiz nada para merecer as tuas censuras...

— Não estou a acusar-te, mas vi como a tua beleza desperta os desejos destes homens ociosos e ouvi-os afirmar que seriam capazes de matar para te possuírem. Como viúva, serias uma presa mais fácil.

— Que posso eu fazer?—Havia lágrimas na voz de Sarai:—Não quererás por certo que eu viva coberta de véus ou encerrada dia e noite numa tenda?

— Não, mas se disseres que és minha irmã, eu serei bem tratado por tua causa e salvarei a minha vida em vez de a perder graças a ti.

Sarai ficou por momentos silenciosa a olhar para a figura suplicante do marido, cujas virtudes aprendera a admirar enquanto vivera na casa de Tare mas que agora não lograva reconhecer neste homem que se humilhava diante dela, a tremer de medo, confessando-se sem coragem para a proteger e defender do desejo de outros homens!

Abraão dizia-se ungido por Deus, fizera os mais solenes juramentos no Zigurate de Harran para mostrar a pureza do seu espírito, todavia, sem o menor escrúpulo, não hesitava em inventar uma vida de mentira para ambos, a fim de se livrar de um perigo imaginário. Sentiu o calor da vergonha e o gelo do desprezo disputarem o seu coração e, incapaz de dizer uma palavra, acenou com a cabeça, dando-lhe o seu consentimento.

Quando Abraão assentou arraiais nas terras fronteiriças de Gessen, a fama da beleza de sua mulher correu célere entre os egípcios e os grandes da corte que a viram referiram-se tão elogiosamente "à irmã do chefe dos nômades" na presença do Faraó que este desejou conhecê-la e, um dia, Sarai e o assustado marido receberam na sua tenda a visita dos três emissários de Sebekhotep, o Bom Deus, Filho de Amon-Ra (4), Senhor das Duas Terras do Egito.

*4 Deus solar de Tebas.*

Trajados com o sendit, um pano de linho a cingir-lhes os rins e atado com uma faixa caída à frente, com as cabeças rapadas, cobertas por cabeleiras postiças e os braços e dedos cheios de joias de ouro e prata, os orgulhosos egípcios puseram todo o acampamento em alvoroço, numa agitação de pasmo, medo e curiosidade.

Sennegem, o cortesão mais nobre, transmitiu a Abraão o desejo do Faraó em acolher Sarai no palácio falando da grande honra que lhe era concedida, acrescida de enormes benefícios, pois ele iria receber da parte de Sebekhotep um riquíssimo dote em troca da irmã.

Um desejo do Faraó era, para qualquer homem ou mulher, uma ordem impossível de desobedecer e uma mentira dita ao filho de Amon-Ra era um crime ainda mais grave, por ser cometido contra a encarnação do próprio deus na terra. Assim, Abraão calou o seu segredo e Sarai, num silêncio sem lágrimas nem queixumes, deixou o acampamento e foi conduzida ao palácio régio de Tebas.

Escortada pelos três cortesões e muda de admiração por tudo o que via, Sarai atravessou imponentes salas de colunas, câmaras cobertas de belas pinturas murais e corredores cujos pavimentos eram decorados com figuras de inimigos para serem calcados pelos pés do Faraó e de todos aqueles que gozavam do favor real ou tinham o privilégio de serem chamados à presença do Divino Senhor.

Passaram finalmente por um corredor e entraram na antecâmara do harém do rei, com uma altíssima porta de madeira finamente trabalhada, guardada por oito lanceiros.

Como se a sua presença tivesse sido anunciada, um homem muito belo e uma mulher idosa, de porte altivo e severo, vieram ao seu encontro, erguendo o braço direito numa saudação respeitosa.

— É esta a tão falada nômade do deserto, Sennegem, Servo da Casa da Verdade?

Sarai reparou na voz fina do homem e nos seus gestos delicados, quase femininos.

O rosto, cuidadosamente pintado, era tão perfeito como os das figuras gravadas nas paredes do palácio.

— Sim, Mesehti, Superintendente da Caixa dos Cosméticos—Sennegem correspondeu à saudação com um curta vênia.— Esta é Sarai, irmã do pastor Abraão, chefe da tribo recém-chegada a Gessen.

— Eu sou Meryt, a Governanta do Real Harém e ama de leite do Bom Deus—falou a mulher, cujo olhar não se afastara de Sarai que se mantinha curvada e encolhida de medo e vergonha.—A fama da tua beleza chegou até ao palácio de Tebas e o meu Senhor desejou conhecer-te. Vejamos se és tão bela como dizem.

Num gesto rápido, puxou-lhe o manto e o longo pano deslizou para o chão, expondo a delicada beleza do rosto, emoldurado por uma longa cabeleira macia e brilhante como seda e a perfeição de um corpo que a simples túnica de algodão não lograva encobrir, antes despertava desejos de desvendar o mistério apenas entrevisto.

Meryt e Mesehti trocaram um olhar de aprovação e sorriram. Falaram com Sennegem, como se Sarai não estivesse presente:—Os seus admiradores não mentiram!—disse a mulher.—E na verdade muito bela.

Ficará aos nossos cuidados até Sebekhotep decidir o seu destino.

O Superintendente da Caixa dos Cosméticos girou em torno de Sarai, observando-a atentamente e franzindo o nariz com desagrado, acrescentou:—É uma joia que precisa de algum aperfeiçoamento, antes de ser entregue ao Divino Senhor. Primeiro, temos de a livrar deste cheiro de rebanho de que vem impregnada, depois amaciar-lhe o corpo com óleos, sobretudo as mãos e os pés tão pouco cuidados. Escolherei os cosméticos mais adequados ao tom da sua pele e à cor dos seus olhos—talvez um bistre (5) verde de malaquite para as pálpebras inferiores e um negro de antimônio com sombra branca para as superiores.

*5 Tinta feita com fuligem.*

A revolta de Sarai punha-lhe um nó na garganta, prestes a desfazer-se em lágrimas e gritos. Sentia-se como um animal a ser preparado para o holocausto em honra do filho de Amon-Ra. A esperança de ser repudiada pelo rei egípcio e poder volver em paz à sua tribo desvanecera-se, ao ver como passara no exame da governanta e do seu companheiro. Ia tornar-se concubina de Sebekhotep e Abraão era responsável pela sua vergonha. Foi assaltada por uma onda de ressentimento contra o marido que, por medo e covardia, a oferecia sem um protesto ao rei estrangeiro, como se fosse uma escrava de prazer e não uma mulher livre, além do mais, sua esposa.

Quando Meryt a conduziu através das portas abertas pelos lanceiros para a ala do palácio reservada às mulheres, Sarai, amaldiçoando Abraão, aceitou o seu destino e o pranto secou-se-lhe na garganta.

O Faraó tinha no seu harém uma infinidade de mulheres de grande beleza, dos mais variados tipos e raças, vindas de todas as partes do mundo conhecido para seu uso e prazer, das quais, na maioria dos casos, mal recordava o rosto e ainda menos o nome.

Sebekhotep procurava na Casa das Mulheres alívio e esquecimento para o fardo da sua vida e a humilhação de estar sujeito ao jugo dos Hicsos, uma casta de pequenos príncipes mas formidáveis guerreiros, oriundos da Palestina, que se tinham apoderado das Terras Baixas do Egito, no vale do Nilo, empurrando os legítimos reis para a região de Tebas e cobrando-lhes tributos.

De entre as esposas e concubinas que melhor o satisfaziam, distinguira três como favoritas, deixando-as guerrear entre si—até mesmo com a própria rainha, sua esposa irmã e mãe do príncipe primogênito—na disputa pelos seus favores. Alimentando rivalidades, ódios e invejas, acabava por descobrir muitos jogos de poder, intrigas e mesmo tentativas de conspiração que fervilhavam na sua corte, sobretudo pela influência dos sacerdotes do templo de Amon, em Tebas, chefiados pelo ambicioso Meketra, o Sumo-Sacerdote cujo poder era, senão maior, pelo menos igual ao seu.

Sebekhotep meditava nestes pensamentos, enquanto espiava pelo falso olho do sol, dissimulado entre as numerosas inscrições das paredes da antecâmara que ligava os seus aposentos privados ao espaço mais secreto do harém e lhe permitia ver tudo o que se passava na ala reservada aos cuidados e descanso das mulheres. Chegavam-lhe aos ouvidos as risadas, os gritos e mesmo o estalar de uma briga a que as governantas se apressaram a pôr cobro, expulsando as culpadas.

— Que se passa? Porque se batem?—perguntou, atento a qualquer indício de rebelião, reconhecendo nas duas mulheres as favoritas Tadukhipa e Ahmose.

Por trás da sua cadeira Meryt servia-lhe tâmaras e figos e Nebamun, o Superior do Real Harém, apressava-se a encher-lhe o copo de vinho, ainda antes de ele o esvaziar.

Só naquele espaço de intimidade a ama ousava dirigir-lhe a palavra, sem antes se arrojar pelo chão, gritando as fórmulas de cortesia e de louvor que lhe eram devidas.

— Desde que aqui chegou, há três dias, a nômade Sarai provocou grande perturbação na Casa das Mulheres Divino Senhor. A sua admirável beleza, realçada pelos nossos cuidados, ofuscou todas as outras mulheres e enegreceu de ciúme os corações de Tadukhipa e de Ahmose que já disputavam entre si o favor da tua escolha e não o querem partilhar com a estrangeira.

Sorriu, divertido e espreitou de novo. Meryt sabia, como nenhuma outra governanta, preparar a apresentação de uma nova esposa ou concubina, fazendo de cada ocasião um divertimento estimulante e encantador. Ensinara com toda a sua experiência e sabedoria às escravas do harém os cuidados e os gestos capazes de despertar na virgem mais inocente a sensualidade e a volúpia de uma cortesã, enchendo-a de inquietação e desejo de conhecer e servir o Divino Faraó.

A nômade tinha um rosto formosíssimo, dessa beleza estranha e rara tão a seu gosto, emoldurado pela pesada trança da negra cabeleira, mas isso era tudo quanto via, pois a túnica longa cobria-a até aos pés. Impaciente, ia dar ordem para a despirem quando as escravas começaram a preparar a água do banho no pequeno tanque de alabastro, astuciosamente erguido diante do posto de observação. Sebekhotep percebeu que a ama lhe retardara o prazer de contemplar a nudez de Sarai, a fim de o excitar pela impaciência, provocando-lhe um desejo cada vez maior na antecipação do encontro.

Recordou o poema de amor e murmurou, sem se dar conta:

— *Ah, se ao menos eu fosse a serva negra  
Que está sempre a seu lado!  
Poderia ver enfim a cor do seu corpo!*

Meryt sorriu, com agrado, vendo como o interesse do Faraó estava preso da representação preparada por ela com todo o cuidado. O harpista cego do harém e as três tocadoras de alaude, flauta e tamborim fizeram ouvir a sua música de sons harmoniosos, numa cadência voluptuosa que afagava os sentidos. As três servas núbias

misturavam na água perfumes e pétalas de flores, desdobravam os panos macios para, terminado o banho, envolverem o corpo da concubina e dispunham sobre uma mesa espelhos de bronze e de cobre, escovas, pentes, frascos de óleos perfumados e caixinhas de cosméticos. Traziam apenas um curto sendit a cobrir-lhes as ancas e os seus movimentos graciosos de bailarinas combinavam-se numa coreografia perfeita dos corpos quase nus.

Por fim trouxeram Sarai e com gestos lentos desprenderam-lhe a túnica que deslizou para o chão, deixando-a nua, vermelha de vergonha, de olhos baixos, com os braços cruzados à frente e as mãos em concha sobre o sexo. O observador escondido não logrou evitar uma exclamação abafada.

— Só Amon-Ra podia conceber tal criatura...

As servas prosseguiram o seu jogo, rindo e brincando com a estrangeira, recorrendo a uma mímica cheia de sentidos maliciosos, segurando-lhe as mãos, borrifando-a com a água perfumada, fazendo-lhe cócegas e Sarai, primeiro contra vontade, depois liberta pelo riso irreprimível, soltava as mãos, erguia os braços, contorcia e dobrava o corpo em posições extravagantes e graciosas, expondo aos olhos fascinados de Sebekhotep o maravilhoso espetáculo da sua nudez.

— Parece muito jovem! — a voz do Faraó soou um pouco rouca aos ouvidos de Meryt, o que era nele um sinal de perturbação. — Ama, a nômade está intocada?

Fazia parte das atribuições da Governanta inspecionar as mulheres destinadas ao seu senhor para descobrir defeitos e enfermidades que escapavam por vezes ao exame dos médicos da corte ou certificar-se da virgindade das donzelas se eram oferecidas ainda crianças. Foi imperceptível a hesitação de Meryt quando respondeu com voz firme: — Sim, Deus Bom, meu Divino Senhor. Sarai é virgem.

A nômade entrara no tanque e as escravas negras mantinham-na de pé, molhando as esponjas e espremendo-as sobre a pele dourada por onde a água corria em pequenos riachos perfumados, contornando a curva dos seios, deslizando pela superfície lisa do ventre até sumirem no diminuto bosque, entre as coxas, onde, por breves momentos, ficavam suspensas algumas gotas como pérolas de orvalho.

As esponjas percorriam-lhe o corpo com a lentidão de carícias, acalmando a pele arrepiada e, do seu esconderijo, Sebekhotep pôde ver como ela cerrava os olhos e inclinava a cabeça para trás, expondo a garganta e os seios ao toque das escravas, abandonando-se nas mãos de ébano que a seguravam com doçura, lhe massageavam a nuca, o pescoço e os ombros, com dedos sábios que desciam preguiçosamente pela cintura até às ancas, explorando e descobrindo no seu corpo os pontos mais secretos do prazer. E as narinas frementes de Sarai pareciam aspirar o ar com avidez, as coxas afastavam-se imperceptivelmente para permitirem a passagem das esponjas e dos dedos, cerrando-se de novo sobre eles como num espasmo e a mulher mordida os lábios para conter um suspiro ou um gemido de prazer.

O copo de alabastro soltou-se dos dedos do Faraó e caiu no chão, rolando com um som de pedra até aos pés do silencioso Nebamun, o Superior do Real Harém, que o recolheu com veneração. Sebekhotep ergueu-se da cadeira, limpou as palmas das mãos úmidas de suor e, passando diante dos servos ajoelhados, disse sem se deter, numa voz pouco segura que pretendia mostrar indiferença: — Vou retirar-me. Meryt, envia-me a nômade quando estiver pronta.

Nem daquela janela, no piso superior do palácio, os olhos de Sarai conseguiam abarcar toda a imensa caravana dos magníficos presentes enviados a Abraão para pagamento do dote da irmã que, poucos dias antes, fora recebida no harém real como a mais recente concubina do Faraó e se tornara de um momento para o outro na sua única favorita, com direito a aposentos próprios, arcas de vestes, joias e perfumes sem preço e a uma hoste de escravas para a servirem.

Sarai ouvia as exclamações de espanto e os risos cúmplices das servas que também espreitavam a saída da cáfila e contavam os inúmeros camelos, ovelhas, bois, burros, jumentos, escravos e escravas da oferta, recomeçando alegremente quando lhe perdiam o conto e comentando cheias de malícia a infinita generosidade do Bom Deus Sebekhotep, a qual só podia ter sido ditada por amor à bela concubina.

Só ela não sorria, por não haver lugar para a alegria no seu coração pesado de rancor. O Faraó do Egito

adorado pelo povo como o Filho de Amon-Ra e o Bom Deus, pagara pela posse da nômade Sarai um dote digno de uma princesa e, por sua vez, Sarai fora o valor entregue por Abraão em troca da sua tão preciosa segurança. E quanto a ela? Que preço pagara Sarai só por ter nascido mulher? Um custo muito alto em submissão, falsidade e humilhações.

Toda sua vida fora forçada a mentir e a fingir para poder sobreviver, primeiro como filha obediente de um pai tirânico e irascível, depois como esposa submissa e enamorada de um marido velho e timorato, por fim, como joguete dos desígnios insondáveis de El-Chadai, o deus sonhado por Abraão. Dizia-se, na saudosa cidade de Ur, que "o homem é a sombra de Deus, mas o escravo é a sombra do homem livre", todavia ela não encontrava muita diferença entre a sua condição de mulher livre e a de uma escrava.

Assim, trouxera consigo a mentira e o engano para a corte do Faraó, ajudando a urdir um terrível embuste, todavia, pela primeira vez e para sua surpresa, o remorso e a vergonha perturbavam-na e toldavam-lhe o entendimento, porquanto esses sentimentos eram suscitados pelo homem que jurara odiar. Sentiu o coração bater e o sangue afluir-lhe ao rosto numa onda de calor, como sempre acontecia quando pensava em Sebekhotep, o Divino Senhor do Egito.

As recordações da primeira noite com o Faraó estavam inscritas no seu corpo e na sua alma, com todos os pormenores e tão profundamente como as imagens representando os amores de Isis e Osíris, gravadas nas paredes da câmara, aonde fora conduzida pela mão de Meryt que anunciara antes de se retirar:—Aqui tendes, Bom Deus e Divino Senhor, a nômade Sarai, com o coração cheio de ventura e gratidão, pois o seu maior desejo é servir-te.

Permanecera ajoelhada, quase deitada no chão como lhe fora ensinado, silenciosa e submissa, até alguém a erguer com uma suavidade desconhecida e, então, Sarai encontrara-se face a face com o mais belo e altivo homem do mundo e nem por um momento duvidara de que Sebekhotep era o Divino Filho de Amon-Ra, o Deus do Sol e da Vida.

E tudo acontecera como um sonho ou um feitiço, ouvindo o ser divino falar-lhe na língua usada pelos nômade, viajantes e mercadores de todos os povos do deserto, do Jordão, do Tigre e do Eufrates, a fim de se entenderem nos seus tratos. E Sarai, comendo e bebendo as iguarias que Sebekhotep lhe servia, perdera o medo e a timidez e contara da sua vida, da beleza de Ur, da longa peregrinação até ao Egito.

A música (vinda não sabia de onde), os perfumes raros, o vinho e sobretudo a proximidade tão humana do Divino Senhor entonteciam-na e, por fim, o desejo do Faraó apoderara-se da vontade de Sarai que, liberta da túnica mas coberta de joias, fora levada nos seus braços como um ídolo e deitada no precioso leito para ser amada por um deus.

Pela primeira vez a nômade contemplara o corpo nu de um homem na força da juventude, moldado no exercício das armas e no requinte da corte, feito à imagem dos deuses, uma escultura de carne e osso, com músculos e tendões movendo-se como pequenas cobras irrequietas sob a pele macia e lisa, cor de cobre, brilhante de óleos perfumados.

E Sarai recordara com desgosto o corpo velho de Abraão, mole e enrugado, o hálito fétido dos dentes podres, o cheiro azedo a suor e a bedum de carneiro. A água era um bem demasiado precioso para ser desperdiçado em banhos e não havia erva defumadora que lograsse afastar das tendas e da própria pele dos pastores nômade o fedor da urina quente e do sebo dos rebanhos a que todos acabavam por se habituar. Ela só se apercebera desse cheiro depois de ter entrado no suntuoso harém do Faraó.

E quando Sebekhotep se deitara sobre o seu corpo para lhe tomar a flor da virgindade, enroscara-se nele como a hera no tronco firme da árvore que a sustenta, sentindo-o deslizar paia dentro de si, com a dureza do bronze e a maciez de uma lamina oleada. Fizera-lhe as carícias que Meryt lhe ensinara como sendo as mais doces ao seu prazer, percorrendo com os lábios e os dedos os caminhos secretos do seu corpo, até o sentir vibrar dentro de si. E o ventre de Sarai latejava, quente e úmido, e eclodira por fim em ondas de êxtase quase dolorosas, como jamais experimentara no leito de Abraão.

Então o virgo postiço rebentara e o sangue corria pelas coxas de Sarai quando Sebekhotep se retirara de dentro dela, sorrindo por vê-la perturbada. Mas a vergonha da nômade não era devida à perda da virgindade

mas ao ardil usado para enganar e que contara com a cumplicidade de Meryt, sempre desejosa de lhe satisfazer os mais ocultos desejos.

A Governanta do Real Harém soubera desde o primeiro dia que ela já fora tocada por homem, mas Sara confiara-lhe uma triste história de infância e ganhara a sua simpatia ou talvez a mulher não gostasse das favoritas Tadukhipa e Ahmose e tivesse visto na nova concubina uma rival capaz de as derrubar. Mas, para isso, era necessário guardar segredo e proceder de modo a Sarai poder passar por virgem no leito de Sebekhotep, o que não era difícil de fazer, bastando um pequeno artifício muito comum entre as alcoviteiras de qualquer lugar do mundo e algum fingimento da parte da falsa virgem. Assim, antes de a conduzir à câmara do Faraó, Meryt dera-lhe um minúsculo saco de pele com sangue de galinha e ela introduzira-o na vagina. E o embuste surtira o efeito desejado, todavia Sarai, enquanto se limpava do sangue impuro, chorara de humilhação e pejo.

Arrancou-se à penosa lembrança para seguir de novo com o olhar os movimentos da ruidosa cáfila, que tomava a direção leste e se perdia lentamente no horizonte e o seu coração alegrou-se por não ter de partir com ela ao encontro de Abraão.

Arrastada no torvelinho da paixão de Sebekhotep, aqueles últimos dias haviam sido para Sarai um tempo de turvação e encantamento. Tudo começara quando Meryt a viera buscar para a conduzir de novo ao harém e lhe vira na cabeça a coroa de flores de lótus com que o Divino Senhor a coroara graciosamente, beijando-a com ardor e ternura, antes de sair da câmara.

— A coroa de lótus para uma filha do povo das areias?! -espantara-se a Governanta do Real Harém.— E logo na primeira noite? Terá Sarai poderes ocultos de feiticeira que Meryt desconhece?

Sem parar de falar, passara revista aos aposentos, bisbilhotando tudo e sorria de aprovação ao descobrir as manchas de sangue no leito. Vendo o embaraço e a incompreensão da nômade, explicou:— A coroa de flores de lótus mostra que o Bom Deus te escolheu para favorita e isso é admirável, pois as concubinas reais são damas de sangue nobre, esposas, filhas ou irmãs dos grandes senhores da corte, jamais mulheres do povo e estrangeiras. Como conseguiste tal feito?

Sarai guardara silêncio e Meryt prosseguira, depois de chamar as servas que aguardavam na antecâmara:— Sebekhotep deu ordens para ocupares estes aposentos, com escravas para te servirem, guarda-roupa e joias dignas de uma princesa. Mas, se quiseres manter estes privilégios, trata de servir bem o Divino Senhor, pois vais fazer muitas inimigas no harém. Tadukhipa e Ahmose hão de recorrer a toda a sua perfídia para tramar intrigas e causar a tua desgraça.

Desse modo, na manhã seguinte a ter conhecido o Faraó, Sarai passara a gozar da posição e privilégios de uma princesa da Casa Real de Tebas. E o poderoso e belo rei do Egito vinha procurá-la todos os dias mostrando-lhe um mundo de coisas novas e admiráveis, ensinando-lhe os requintes de uma corte que fazia do luxo e do prazer uma arte. E a pastora nômade de Ur surpreendera-se a ansiar por essas visitas cada vez com maior inquietação e deleite, para se oferecer como cera macia às mãos divinas e, deslumbrada, deixar-se moldar segundo a vontade e o ardor do Mestre, tomando a forma das suas fantasias.

Por outro lado, as premonições de Meryt não tardaram a concretizar-se e Sarai sentia os olhos inimigos espiares-na, vigiando-a sem descanso. As suas servas mais fiéis punham-na ao corrente das intrigas do harém e mostravam-lhe o ódio crescente de Tadukhipa e Ahmose que se tinham unido, esquecendo momentaneamente a antiga rivalidade, a fim de trabalharem para a sua perda. Todavia, a nova favorita encontrara na Casa das Mulheres, além da Governanta, uma protetora inesperada e poderosa na Rainha Mutnedjmet, que detestava as duas arrogantes favoritas e tomava o novo capricho do seu divino esposo e irmão — a nômade Sarai, uma humilde filha do povo das areias— como uma arma para as humilhar e derrotar. Por isso, enquanto servisse esses propósitos, a nova concubina podia respirar tranquila.

A barca, de um só mastro e com a vela recolhida, tinha uma graciosa linha curva, própria para navegar no Nilo e estava decorada e pintada com flores de lótus (o símbolo das Terras Altas do Egito) e papiros (o emblema das Terras Baixas) e com as figuras de Hórus, o deus cabeça de falcão encarnado pelo Faraó, de Sobk o crocodilo sagrado e da cobra Uto, o olho flamejante do Sol, anunciando a todos os súbditos que ali seguia Sebekhotep para um passeio no rio ou uma sortida de pesca e caça nas suas margens.

Acompanhavam-na a curta distância, numa formação em semicírculo, oito barcos com uma hoste de soldados bem armados e prontos para entrar em ação.

No convés da barca, à popa e à proa, dois biombos de bambu entrançado abrigavam a tripulação de remadores que, de pé, manobravam cadenciadamente os quatro remos compridos apoiados nas altas forquilhas de uma barra fixa. No centro da embarcação erguia-se a espaçosa cabine retangular com duas portas, encimada por um telhado em forma de degrau ou sótão, com quatro janelas de cada lado, luxuosamente mobilhada para albergar o filho de Amon-Ra e a sua favorita.

— Bastet, perdeste de novo!—disse Sebekhotep, rindo-se da expressão amuada de Sarai e dando-lhe carinhosamente o nome da deusa-gata do amor, adorada pelos povos do deserto.

Reclinados num leito suntuoso, tinham entre ambos um tabuleiro com o desenho de um corpo de serpente enrolado, cujos anéis indicavam prêmios ou castigos, decididos pelo lançamento dos dados de marfim que os faziam recuar ou progredir no jogo. Ao lado do Faraó, uma peruca e um corpete de mulher mostravam as perdas de Sarai que procurava cobrir os seios nus com a longa cabeleira solta enquanto a sua mão repousava sobre um pequeno monte de joias fruto dos castigos infligidos ao Bom Deus do Egito.

— Escolhe tu o meu castigo, Divino Senhor.

— Uma dança de Ishtar!

No decurso de quatro meses, Sarai desabrochava na corte de Tebas como a flor de lótus no vale do Nilo, adquirindo a elegância e graciosidade de uma princesa real, sem todavia perder a sua natureza silvestre, de uma sensualidade bravia. Sebekhotep, requintado e culto, soubera limar as ásperas arestas, sem no entanto destruir o fogo de *ka*, da sua alma, o verdadeiro ser da nômade Sarai, tão diferente de todas as mulheres do harém e, por isso mesmo, tão cara ao coração do amante. E a favorita, iniciada por ele nos jogos voluptuosos de Bastet, incitava-o ao amor com ousadia, cantando e dançando as canções selvagens e lascivas de Ishtar, acirrando-lhe o desejo com palavras e gestos como nunca antes se atrevera a formular por serem tabus da sua tribo.

Por trás dos biombos que os resguardavam dos olhos das servas, soaram os primeiros acordes de uma estranha melodia e Sarai, no espaço íntimo da alcova, cantou a canção de amor de Ishtar, não com as modulações da sua voz, mas com os meneios do seu corpo, numa linguagem mais eloquente do que todas as palavras, porque vinha do íntimo da terra, ora ondulando como a água, ora sussurrando como o ar ou queimando como o fogo. Quando o corpo nu da favorita se prostrou numa dádiva sagrada, aos pés do Filho de Amon-Ra, o Soberano do Egito tomou-a nos braços e esqueceu por completo as humilhações dos Hicsos e o surto de peste que lhe ameaçava o reino.

Os remadores ergueram os remos ao alto, junto à pequena ilha de Séhail, cerca da primeira catarata, deixaram deslizar a barca até à orla de areia branca e lançaram uma prancha em terra, gritando em seguida para a água, a fim de afugentar algum crocodilo mais atrevido que se tivesse aventurado na baía:—Ao largo! Vai-te, maldito crocodilo! Não te acerques de nós. Vai-te! Sabemos palavras mágicas para te destruir.

Depois fizeram libações a Toeri, a deusa da fecundidade com cabeça de hipopótamo:—Fecunda é a tua vida ó divina Toeri, Senhora do Nilo! Os braços das mulheres imploram o *teuka*, acorda para a vida e torna-as férteis como as terras do delta depois de baixarem as águas.

A tripulação recolheu-se por trás dos biombos pois a sua presença não era permitida junto das mulheres do Faraó, nem os olhos deles podiam contemplar a sua nudez, com risco de lhos quebrarem como castigo. As servas prepararam tudo para o banho e despiram o Filho de Amon-Ra, em respeitosa adoração.

Sarai usou a sua longa trança para lhe untar o corpo com óleos perfumados de modo a não arrefecer dentro de água. O brilho da pele realçava o vigor e a perfeição de Sebekhotep, dando-lhe o aspecto de uma estátua de bronze e os gestos da favorita tornaram-se mais lentos quando se ajoelhou e lhe passou a trança escura e molhada de óleo pelos rins, acariciando os quadris, descendo pelas coxas, enredando-se no sexo que se desenrolou sob os seus dedos como a cobra Uto que desperta. Sebekhotep segurou-lhe na mão, fazendo-a erguer-se e soltou uma alegre gargalhada, mergulhando de golpe nas frescas águas da pequena baía.

As escravas cantaram alegremente:

— Ah! Se tu pudesses vir ao encontro da tua amada veloz como o cavalo do Faraó escolhido entre mil ginetes e o mais valoroso que há nos esquadrões.

Mal ouve estalar o chicote nada o detém e não há condutor de carro que o saiba refrear.

Ah! Bem sabe que dele não está longe o coração da sua amada!

Sebekhotep nadou em frente da barca, chamando Sarai repetidamente pelo nome de Mery-en-Amon, *Amada-de-Amon*, tão doce para os seus lábios. As servas acabaram de massagear a favorita com os óleos e ajudaram-na a entrar na água onde, cheia de terror por não saber nadar, foi recebida nos braços do enamorado Filho de Amon-Ra, enquanto as vozes das cantoras se enchiam de malícia no terno poema de amor:

— O bem-amado, como é doce entrar no lago banhar-me diante dos teus olhos, mostrar-te a minha beleza quando a minha veste de linho mais fino do linho digno de uma rainha se molha para desposar cada curva do meu corpo.

Entro na água depois de ti e vou ao teu encontro com um lindo peixe vermelho pousado na minha meto!

Vem e olha-me!

E Sebekhotep, de pé, com a água até aos ombros, olhava o corpo molhado de Sarai que, suspenso dos dedos cruzados na sua nuca, se colava ao dele como um naufrago a um escolho, sentia a pressão tensa de medo da carne dela contra a sua, o roçar da pele dourada a que os óleos emprestavam uma doçura lúbrica e de novo o desejo lhe aquecia o sangue com uma chama que nem as frias águas do Nilo logravam extinguir.

O corpo da favorita balouçava suavemente na água e as mãos de Sebekhotep deslizaram pela curva perfeita dos rins, afagando-a e imobilizando-a contra o seu ventre até a magoar, desceram em seguida para as nádegas, puxando-a para cima, à altura da sua cinta. Sarai, cerrando os olhos, entregou-se à carícia dos dedos e da água, as pernas afastaram-se para rodearem com volúpia as ancas do amante e se cruzarem com ímpeto nos seus rins. Sentiu nos quadris as mãos de Sebekhotep a guiar-lhe os movimentos e esticou o corpo para trás, tenso e flexível como um arco pronto a receber a sua seta.

— Foi tudo obra de Tadukhipa e Ahmose, que Osíris as confunda!—Meryt estava consternada e assustada pois sabia que também ela caíra em desgraça e não escaparia a um castigo severo, apesar de ser a ama de Sebekhotep.—Contaram com a cumplicidade do Sumo Sacerdote Meketra, que te odeia e te chama herética por adorares um único Deus. Diz que és uma feiticeira e exerces uma influência perniciosa no Faraó. Sarai chorava de desespero:—Se ao menos pudesse vê-lo uns momentos para lhe pedir perdão, depois já podia morrer sem pena! Eu amo-o, Meryt!

Era um grito de alma, profundo e amargo. Não era medo da morte, por muito cruel que pudesse ser, era a dor causada pelo sofrimento de Sebekhotep, pela sua indignação e desprezo. Apesar das súplicas, recusara-se a vê-la e Mutnedjmet a quem recorrera em desespero não quisera interceder por ela.

O escândalo rebentara no harém no próprio dia do passeio na barca quando, no regresso, o Faraó fora informado por Meketra da hedionda mentira dos nômades Abraão e Sarai, para obterem do rei do Egito benefícios incalculáveis, favores e privilégios só concedidos aos mais nobres cortesões.

— A impostora não era uma virgem inocente, irmã do chefe da tribo dos pastores, Bom Deus, mas sua esposa e trabalhou com muita arte para te enganar, Divino Senhor, troçando de ti por todo este tempo Merecem a morte!

Sebekhotep, pálido de ira e de desgosto, desejava expulsar o odiado Sumo Sacerdote, correr para junto de Sarai e ouvir da sua boca que aquela terrível história não era verdade.

— Mas Meryt foi responsável pela admissão dessa mulher no harém! Como não desconfiou do ardil?—havia uma vaga esperança na voz do Faraó.

Meketra aproveitou a oportunidade para fazer cair em desgraça a Governanta do Harém e, assim, agradar à Rainha Mutnedjmet:—Meryt atraíçoo-te, Divino Senhor. O teu amor pela nômade herética não agradou aos deuses, por isso Amon enviou a peste ao nosso reino. O povo está revoltado e murmura contra ti. Tens de

destruir os impostores, para a ordem e a paz voltarem a Tebas.

Sebekhotep sentiu uma velada ameaça na voz do sacerdote e cedeu, com um terrível peso no seu coração:— Mandai buscar, sem demora, o nômade Abraão. Quero ouvir o que tem para me dizer sobre esta história.

Meketra inclinou-se profundamente antes de se retirar e o Faraó suspirou com tristeza e também com algum alívio. Até à chegada do marido de Sarai teria tempo de pensar no seu castigo. A recordação da favorita causou-lhe uma dor insuportável e Sebekhotep atirou com a mesa de jogo, estilhaçando com estrondo o tabuleiro axadrezado e as pequenas peças de alabastro rolaram peto solo, de imediato recolhidas pelos assustados servos.

— Deixai-me só!— gritou.

Os cortesões, dobrados numa vênia respeitosa, apressaram-se a abandonar a sala, recuando com os olhos postos no chão para não verem no rosto divino do Filho de Amon-Ra, as marcas de uma dor tão profundamente humana.

A intriga do Real Harém atraíra à audiência de Abraão sacerdotes, nobres de maior qualidade e servidores de todos os ofícios, além da Rainha Mutnedjmet com as suas aias, do príncipe herdeiro e de inúmeras princesas, familiares e concubinas.

Assim, uma interminável procissão de cortesões havia desfilado diante do Filho de Amon-Ra, para lhe beijar o pé em respeitosa submissão, indo em seguida ocupar na grande sala de audiências a posição definida para cada um deles pela rígida etiqueta da corte. Ali estavam Pashedu, o Escriba de Astronomia de Amon, o Vizir Kouphor, Paneb, o General dos Carros de Guerra, Raouben, o Escriba das Contas do Ouro, Tawi, Cantora de Amon, Pawah, o Comandante do Cavalo do Rei e tantos outros de menor importância. Mais perto de Sebekhotep viam-se Nefermat, o Pai do Deus (6), Nakht, o Portador do Leque Real, Ouadjmes, o Escrivão Pessoal do Rei, Ipuky, o Portador das Sandálias e, finalmente Meketra, o Sumo-Sacerdote que era o grande acusador.

*6 Crê-se que este título era dado ao sogro do Faraó.*

Todos comentavam em segredo os últimos acontecimentos e o destino dos protagonistas daquela infame maquinação. Meryt, presa no Templo, levava chibatadas nos pés e nas mãos até confessar a sua cumplicidade no embuste, embora com a atenuante de desconhecer o verdadeiro parentesco da sua protegida com Abraão. Por certo não escaparia à morte, apenas lhe concederiam o privilégio dos nobres de se suicidar em vez de receber o castigo das mãos dos carrascos.

A traiçoira favorita, para espanto de todos, fora mantida nos seus aposentos em total reclusão, mas conservando todos os bens, incluindo as escravas, de que Sebekhotep a tinha acumulado. Pelo contrário, Tadukhipa e Ahmose, depois da denúncia, tinham sido repudiadas e devolvidas às respectivas famílias e essa insólita atitude do Faraó deixara a corte muito perplexa.

Quando Abraão entrou na sala conduzido por Sennehem, o Servo da Casa da Verdade e quatro outros cortesões com cargos de justiça, fez-se um silêncio total, carregado de ódio e repugnância por aquele miserável chefe tribal, bárbaro e herético, que ousara enganar e desfeitear a encarnação do deus Hórus na terra, o Filho de Amon-Ra e rei supremo das Duas Terras do Alto e do Baixo Egito. E logo um murmúrio ameaçador irrompeu pelas alas dos cortesões e alguns punhos ergueram-se numa promessa de vingança contra o aterrorizado nômade.

Sennehem, o cortesão mais nobre, parou a uma distância protocolar, fez cinco reverências e ergueu os braços para o Faraó em sinal de respeito e júbilo, enquanto os companheiros se lançaram por terra, arrastando-se sobre o ventre e beijaram o chão com grandes exclamações de alegria, forçando Abraão a fazer o mesmo. Então, Sennehem pronunciou a saudação preliminar exigida pela etiqueta, prestando homenagem ao seu senhor:— Ó Tu, que és semelhante a Ra em todos os teus empreendimentos! Tudo o que o teu coração deseja se torna realidade! Quando sonhas com qualquer coisa no decorrer da noite, o teu sonho cumpre-se ao raiar da

manhã. Desde o dia da coroação até hoje, fomos testemunhas de todos os teus maravilhosos feitos. Existe alguma coisa que tu ignores? Quando dizes às águas: "Subi até ao cume da montanha!", o oceano vai para onde lhe ordenas. Vi verás eternamente e nós obedeceremos a todas as tuas ordens, ó rei e senhor nosso!

Terminada a fórmula de consagração, o Servo da Casa da Verdade curvou-se de novo várias vezes e anunciou: -Aqui tendes, Bom Deus, Abraão, o chefe da tribo nômade acampada nos arredores de Gessen.

O vizir ordenou a Abraão que se aproximasse, de forma a ser ouvido pelo Faraó e poder responder-lhe, se fosse interrogado. Sebekhotep olhava com curiosidade e desprezo o velho pastor que avançava na sua direção, trêmulo de medo, a rastejar pelo chão numa súplica lacrimosa para lhe poupar a vida. Pensar que a formosíssima Sarai tinha passado das mãos daquela criatura abjeta para as suas, saber que amara e tocara na mulher daquele homem, conferindo-lhe um pouco da sua divindade, era o bastante para o Rei do Egito estremecer de horror e repugnância e desejar nunca ter conhecido Sarai, a flor do deserto, a quem chamara em adoração, Bastet, a deusa gata do amor e Mery-en-Amon, a Amada de Amon, a sua bem-amada.

Dominou-se e a voz saiu firme e severa quando lhe disse:—Porque não disseste que Sarai era tua mulher? Porque afirmaste que era tua irmã dando lugar a que eu a tomasse por esposa? O nosso castigo para quem comete adultério são mil vergastadas! Qual foi a tua intenção ao fazer-me isto?

Abraão rastejou até ao degrau do trono, tentando beijar-lhe o pé, mas Sebekhotep não lho consentiu.

— Piedade, Divino Senhor, não desejei enganar-te!—o velho choramingava, sem ousar erguer o rosto para o soberano.

— Foi por temor de ser morto por causa da beleza de minha mulher que, quando Deus me levou para longe da casa de meu pai, eu pedi a Sarai para dizer em todo o lado por onde passássemos que eu era seu irmão. De resto, é verdade que ela é minha irmã, filha do meu pai, mas não de minha mãe e, assim, pode ser minha esposa.

Também no Egito isso era permitido e, no caso dos Faraós quase obrigatório, como o seu casamento com Mutnedjmet, para que o filho varão e herdeiro do trono fosse gerado da melhor cepa divina. Abraão recorrera a uma meia verdade, um subterfúgio capaz de lhe salvar a vida, pois Sebekhotep não duvidava que o desejo de possuir Sarai podia levar qualquer homem ao crime, para se desembaraçar desse obstáculo que era um marido indesejável.

Deixá-lo-ia partir em liberdade e levar consigo a mulher, que ele não queria voltar a ver, e nem sequer lhes exigiria a devolução do dote, pois assim Sarai poderia ter uma vida melhor. Ser afastada da corte do Faraó para acompanhar o marido na vida de nômade afigurava-se-lhe punição suficiente para o seu crime. Por outro lado, não era tarefa fácil ser a encarnação de um deus na terra, a vida do Filho de Amon-Ra fora solitária e monótona até Sarai lhe dar um sabor de aventura e singularidade. No mais secreto do seu coração, Sebekhotep sabia que a favorita o havia amado de verdade e esse amor era como uma pedra preciosa entre os vidrilhos de falsas paixões das suas cortesãs, forjadas em lisonja e ambição. Tal certeza era um doce lenitivo à alma magoada do Faraó. Disse ao velho nômade:—No futuro, lembra-te que o homem será julgado segundo o modo como se comportou na terra. Agora, toma a tua mulher e vai-te embora.

E, então, o Faraó ordenou aos seus homens que conduzissem Abraão e Sarai, com tudo o que lhes pertencia até à saída do Egito.

A imensa e rica caravana de Abraão saíra há muito de Gessen e seguia em direção a Negeb, para se fixar numa região entre Cades e Chur. Lot, o seu sobrinho que também já era senhor de muitas tendas e ricos rebanhos de bois e ovelhas, decidira ir na sua companhia.

O fabuloso dote de Sarai, pago pelo Faraó, fora acrescido do enxoval igualmente precioso em tecidos, joias, perfumes, óleos e objetos de grande valor que ela recebera como favorita e pudera trazer intacto. Por isso, Abraão era agora um homem muito rico em rebanhos, prata e ouro, no entanto, a sua vida não se tornara feliz nem pacífica, muito pelo contrário, passara a ser vivida em contínuo sobressalto e terror, tudo por causa da mulher e da sua danosa beleza, acrescentada e apurada durante a estadia na corte do Faraó.

Lembrava-se ainda da terrível humilhação sofrida às portas do palácio real de Tebas, quando, rodeado pelos soldados e oficiais de justiça que os iam escoltar até Gessen, esperara por Sarai, a quem não via há mais de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Contos Eróticos do Antigo Testamento" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).